

HISTÓRIA

EM
DEBATE

ANAIS DO XVI^º SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS
PROFESSORES DE HISTÓRIA - RIO DE JANEIRO, 22 A 26 DE JULHO DE 1991.

HISTÓRIA EM DEBATE

Problemas, Temas e Perspectivas

ANPUH: 30 anos

CNPq

InFour

A Percepção e a Configuração do Tempo em “A Última Gravação de Krapp”.

Maria Cristina Fukushima

A exposição que me proponho fazer comporta uma inversão no tema principal, no sentido de que vou tratar da representação da temática do tempo sob o prisma “o poder do tempo” num texto de uma peça de Samuel Beckett - *A última gravação de Krapp*. Feita esta ressalva, gostaria ainda de explicar que vou tentar responder às seguintes perguntas, de modo bem resumido:

- 1) Qual seria, de modo geral, a problemática da configuração do tempo na criação literária?
- 2) Como são articuladas as experiências do tempo na narrativa e no texto dramático?
- 3) Como foi elaborada a tematização do tempo em *A última gravação de Krapp*?

Em primeiro lugar e a título de introdução, gostaria de lembrar que, em literatura, a configuração do tempo adquire um peso maior na literatura moderna, com a incorporação de conceitos da psicologia e com a necessidade da representação da duração interior. *“A contrastação entre a duração interior com a impessoalidade e objetividade do tempo cronológico é uma das principais condutas da tematização do tempo no romance”*⁽¹⁾.

Quando se fala em tempo e literatura universal tem-se logo em mente a monumental obra de Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*, ou então, *Mrs. Dalloway* de Virgínia Woolf, *Grande sertão: veredas* de Guimarães Rosa, *Cem anos de solidão* de Gabriel Garcia Marques, ou *Ulysses* de James Joyce. Quando se refere à temática do tempo, todas estas obras exemplificam e ligam o tempo vivido, a duração interior, a busca proustiana do passado, o tempo de mito ao tempo histórico real do leitor que assegura a recepção e fortuna interpretativa das obras literárias. A ligação do tempo histórico do leitor com o tempo do texto se atualiza, portanto, no ato da leitura. O mesmo

pode ser dito com relação a um texto dramático que se consuma, por sua vez, na realização cênica.

Em minha análise, tomarei como eixo temporal o **agora**, ou seja, o que sucede no palco durante a apresentação da peça **A última gravação de Krapp**. A marcação do tempo vai obedecer a ordem dos acontecimentos no discurso e também a ordem de acontecimentos na história.

Algumas notas sobre Beckett:

Aos 25 anos de idade, Samuel Beckett, escritor irlandês que recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1969, publicava um importante ensaio sobre Proust, ao meu ver decisivo em sua carreira. No primeiro parágrafo de seu ensaio, ele vai identificar como tema principal da síntese a que se propõe fazer "*monstro de duas cabeças, danação e salvação - o Tempo*"⁽²⁾. Este ensaio já evidencia a preocupação e perplexidade de Beckett quanto ao efeito do tempo nas relações com o objeto, no qual ele afirma: "o observador inocula o observado com sua própria mobilidade" e também nas inter-relações humanas.

A última gravação de Krapp é uma peça muito curta, de 12 páginas, que foi escrita em 1958. Com a ajuda de um gravador, entretanto, cobre-se a vida da personagem desde a infância até à velhice representada pela personagem única na encenação do ato. Um velho decrépito de 69 anos senta-se no seu estúdio ouvindo uma velha gravação feita quando ele tinha 39 anos de idade.

Do confronto da voz da personagem, quando jovem, reproduzida pela gravação e o Krapp da cena que o espectador observa, evidencia-se a tensão e dificuldade da busca de sentido num mundo sujeito à mudança incessante pela passagem do tempo.

Os aspectos visuais e sonoros da peça são traduzidos e compreendem o aspecto visual da personagem, que de acordo com as instruções precisas do autor deve obedecer estritamente a aparência de uma figura de palhaço vestida ridiculamente; o ritual e o som de chaves, o abrir e fechar de gavetas, o barulho de sacarrolhas, a ingestão de bananas e, é lógico, em se tratando de Beckett, o uso da luz e da escuridão no palco.

Embora presenciemos apenas uma personagem no palco, que em termos de tempo significa o presente, podemos acompanhar praticamente toda a vida da personagem, da infância à idade adulta, e podemos ter também algum *insight* sobre sua mãe, sua atitude em relação à vida, felicidade, sucesso, fracasso, decadência, sentimentos e emoções, aspirações e hábitos e até mesmo sua condição física, inseridas nestas meras 12 páginas.

A linguagem que Beckett utiliza nos introduz num mundo rico e complicado de felicidade e inocência no início, de paixão e força, indiferença e tristeza e nostalgia e morte no final.

Os artifícios utilizados na representação destas emoções são artifícios poéticos tais como a repetição, a frequência e outras figuras que reproduzem os acontecimentos recorrentes.

A personagem começa a peça repetindo palavras que corroboram a repetição cíclica do tempo, assim como a enumeração das fitas, dispondo-as em ordem. Em seguida, lê, em voz alta, um sumário do conteúdo da fita, dando ao espectador uma prospecção do que terá oportunidade de ouvir pelo gravador. Na fita onde se encontram gravadas suas impressões com relação à morte de sua mãe, por exemplo, sua memória voluntária falha, e ela lê interrogativamente as palavras ali registradas. Um pouco adiante, encontra-se registrado: **Melhora no intestino**; registro este que indica a obsessão da personagem em segurar o fluxo da vida, até mesmo sua condição física reproduzindo cada momento e sentimento da vida. Esta citação pode também ser remetida ao nome da personagem que sugere excremento.

Quando Krapp lê e repete “Equinócio memorável... Equinócio memorável?...” pergunta e sua repetição denuncia a impossibilidade da linguagem de reproduzir a verdade, que a passagem do tempo fez apagar. No ensaio sobre Proust, Beckett escrevia: “*Não há como fugir das horas e dos dias. nem de amanhã nem de ontem*” (...) “*Não estamos meramente mais cansados por causa de ontem, somos outros, não mais do que éramos antes da calamidade de ontem*”⁽³⁾.

Na gravação de quando Krapp fez 39 anos, ele parece forte, saudável, na “crista da onda”, em paz consigo mesmo e provavelmente com o mundo. Aceita e considera a escuridão que o rodeia como uma companheira e se vê, ele próprio, como a luz:

“(pausa) Com toda esta escuridão em minha volta sinto-me menos só. De uma certa maneira eu adoro levantar e andar pela escuridão, e depois de volta para... mim”⁽⁴⁾.

Nunca outra passagem, ao se referir a um período quando era mais jovem, aos 27 anos, ele menciona o quanto se sentia aliviado de se livrar de Bianca, um de seus casos. Relaciona aí com a palavra “olhos”, aconchegantes. Incomparável.

Menciona também a necessidade de ouvir suas memórias como algo útil, indicando sua necessidade de aposar-se de seu passado para transformar seu presente em realidade.

O fato de Krapp mencionar com frequência os olhos; o fato, ainda, de a personagem não ver bem e nem usar óculos, tem que ser registrado aqui porque posteriormente vai servir como um elemento importante de contraponto.

Podemos, desta feita, visualizar três personagens diferentes: um com 39 anos, falando sobre o Krapp com 27 anos - confiante em si, usando estatísticas e cheio de esperanças -, e nossa personagem presente no palco, aos 69 anos, rindo ironicamente de que uma das suas decisões quando jovem era deixar de beber e, no entanto, não há dúvida alguma de que o “velho Krapp” continua bebendo como nunca, pois desaparece do palco, mergulha na escuridão e o espectador tem a chance de ouvir o barulho de sacarrolhas, numa referência explícita à bebida. É na contradição entre a ação e a fala da personagem que se revela a ironia e se mostra como a ação do tempo degradou o hábito e as intenções da personagem. Krapp desaparece na escuridão, e esta, que havia sido mencionada antes como um local onde ele não se sentia só, nem perdido, transforma-se numa metáfora da decadência e morte.

Quando Krapp começa a ouvir a passagem que se refere à morte de sua mãe, percebe que a linguagem é bem literária e ele não mais reconhece o significado de suas próprias palavras, tendo que recorrer ao dicionário para saber o significado delas. O uso destas palavras “difíceis”, provavelmente um requisito ao seu sucesso profissional, parece-lhe, no presente momento, como algo completamente estranho e sem sentido, não conseguindo nem mais reconhecer o sentido de suas próprias palavras.

O velho Krapp ouve, sem emoção alguma, a passagem que descreve a morte de sua mãe e a indicação de que ele nunca ia se esquecer da sensação e da emoção que teve naquele dia derradeiro; o que sabemos ser um equívoco, pois ele não se lembrava mais nem do que se tratava.

“A visão finalmente... Isto é o que eu devo gravar em primeiro lugar esta noite, com relação ao dia em que meu trabalho estiver finalmente concluído... porque o milagre de... pelo fogo que o iluminou... pela crença que venho mantendo a minha vida toda, ou seja...”⁽⁵⁾

Antes mesmo que a personagem no palco e nós possamos ouvir a grande revelação de sua vida, o momento supremo, ele desliga o gravador rapidamente, avançando a fita de modo que nem ele, nem nós, possamos ouvir o que poderia ter sido considerado o momento mais importante de sua vida. Em vez deste trecho, ele posiciona a fita para ouvir o que considerou como seu adeus ao amor.

Embora esta passagem não nos tenha sido revelada, o fato de Krapp evitar tocá-la indica que sua memória a guardou claramente e ele se nega a aceitar a importância de seu significado. Uma lembrança acalentada, no entanto, ele quer apagar.

Na passagem chamada de adeus ao amor, as imagens são coloridas e aconchegantes, apesar de se tratar de um adeus. Novamente aparece a menção dos olhos: “olhos fechados” de uma maneira positiva e protetora tal como havia aparecido, em passagens com Krapp ainda jovem. A primeira parte é ouvida através da voz do gravador, e, desta forma, trona-se possível reconhecer três Krapps distintos, cada um reagindo de maneira diferente a cada um deles, como se fossem indivíduos separados pela ação do tempo. Aparecem como fragmentos do sujeito.

O velho Krapp começa, então, a gravar sua atual impressão, mas fica logo intolerante e irritado, como que conscientizando-se de seu fracasso como escritor, amante ou ser humano. Ao ouvir o seu passado, ele cai em desespero. Aborrece-se com todas as repetições de sua vida, pois a única coisa que consegue detectar é a repetição de seus erros e palavras mas não consegue reter os momentos felizes que se foram para sempre.

Retoma a passagem onde diz: “... deite-me ao lado dela”⁽⁶⁾. Novamente a menção aos olhos - “sem abrir os olhos” mas a referência é o fim do seu caso de amor. Pela primeira vez, vemos uma inversão na conotação da expressão “olhos fechados”, que desta vez não está relacionada a uma sensação boa, mas ao fim de alguma coisa. Na verdade, a conexão que se faz com os olhos fechados é o fim da vida.

Voltando a passagem da cena de amor, a palavra usada como elo é “framboesa” que, certamente, remete aos momentos felizes de sua infância.

“Deito-me ao lado dela com meu rosto em seu peito... Lá ficamos sem nos mover... Mas sob nós tudo se movia e de maneira suave...”⁽⁷⁾

Este verbo mover, que é pouco comum nas peças de Beckett, onde, na maioria das vezes, as personagens estão amarradas e não podem se mexer, pode ser interpretado como uma situação que se refere à sensação de uma criança nos braços de sua mãe, tais como um bebê sendo embalado no colo... É possível que as melhores lembranças da vida estejam ligadas à infância e o amor em contraste com o sentido de ruptura e desistência voluntária, ou com adeus ao amor e aconchego que se perde quando se entra na vida adulta. Talvez, ainda, em contraste também com a busca do sucesso e de falsos valores - fato este que é somente percebido com a aproximação da morte.

O velho Krapp toca a fita até o fim e chega o círculo da peça, tal como uma bobina de fita:

"Talvez os meus melhores anos tenham se passado. Quando havia uma chance de felicidade... Mas eu não gostaria de tê-los de volta."

Ao mesmo tempo que ele nega querer que os anos felizes voltem, esta é a passagem que ele escolheu para ouvir novamente, criando mais uma contradição do que é dito e o que é sentido, ou que tem significado real, numa maneira alienada do eu e da mensagem.

A peça se fecha quando é unificada pela coincidência do adeus ao amor e o adeus à vida.

O artifício usado é a repetição de palavras que corroboram a repetição da ação e do ciclo da vida.

A passagem do tempo e sua influência na mudança do eu se reafirma através da constatação de que a agonia de Krapp deriva do fato de que o tempo tudo destrói e como a morte é inexorável, perde-se totalmente o sentido da vida. De nada vale tentar convencer as pessoas e a si mesmo dos seus propósitos e sonhos, porque as possibilidades que a vida oferece se esvaem como fumaça: e, por fim se volta, percebe-se que tudo era vazio e sem valor. Krapp está velho, decrépito, cético, só tem a plena consciência de que tomou todas as encruzilhadas erradas que apareceram na sua vida. A ironia e a possibilidade de rir de si mesmo são o único consolo que lhe restam.

Com o desenvolvimento do estruturamento lingüístico, o tempo, para a Teoria Literária, aparece como uma categoria narrativa, necessária para o sentido do texto.

A análise apresentada transpõe aspectos lingüísticos, e referência temporal se dá dentro do texto, sem que haja, necessariamente, referência da linguagem ao real.

O tempo cronológico é a representação dominante do real e o tempo ficcional modifica, reorganiza e altera - sob novas perspectivas - as representações da realidade. Ou seja, ele reconfigura o tempo cronológico. Tanto a velocidade de andamento, como as figuras de duração são elementos retóricos utilizados em textos de ficção, que caracterizam uma certa cumplicidade entre o autor e o leitor.

A função do tempo na narrativa, quer na leitura ou na encenação, se concretiza via leitor (espectador) responsável pela atualização reconfigurativa do real, que a obra literária cristaliza.

Como ocorre isto? A memória retém os significados anteriores e leva aos seguintes. Desse modo, são acumulados como experiência de conteúdo e de estilo e preenchem também indicadores que orientam e concretizam a leitura, tais como: locuções verbais, o ponto de vista, a retrospectiva dos

tempos verbais. Esse projeto ajusta o tempo vivido do leitor (fora do texto) com sua experiência cultural e social em que se incluem as convenções literárias; e, também, as oscilações temporais do texto entre presente, passado e futuro.

Cabe ao leitor entender o leque temporal do discurso, no plano imaginário, principalmente do tempo fictício, transpondo-o para um mundo real.

É o conteúdo da história, entretanto, que propicia a totalidade do tempo. É o enredo, como ato de ordenação, que extrai dos acontecimentos da história a “unidade de uma totalidade temporal”. Tudo isso ocorre no ato de leitura - o leitor acompanha o enredo até um ponto final; neste percurso, é possível perceber-se a história como um todo para, posteriormente, refletir, explicar ou interpretar o conteúdo.

A maneira como o leitor entende o texto é análoga à inteligibilidade prática da ação, isto é, ele registra como as personagens atuam ou se relacionam, mediante atos recíprocos. É possível dizer que o enredo, então, media a leitura de uma forma compreensiva da ação humana.

A narrativa, como forma de linguagem, é, portanto, um equivalente simbólico da ação e do tempo humano correlato. Os textos constituem variações imaginárias das relações temporais e implicam num desvendamento das modalidades do tempo humano.

Nesta peça de Beckett há uma grande concentração de palavras, estruturas, que refletem um mundo fragmentado. O estilo é elíptico e telegráfico. A angústia da tentativa de reter o tempo passado está explícita na história cuja temática é o próprio tempo.

NOTAS

- (1) NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. p. 57.
- (2) BECKETT, Samuel. *Proust*, p. 9.
- (3) *Idem, ibidem*.

(4) BECKETT, Samuel. **Krapp's last tape and embers**. p. 12.

(5) *Idem*, *ibidem*, pp. 16-17.

(6) *Idem*, *ibidem*, p. 19.

(7) *Idem*, *ibidem*, p. 20.

BIBLIOGRAFIA

BECKETT, Samuel. **Krapp's last tape and embers**. Londres, Faber & Faber, 1970. **Proust**. Porto Alegre, L & MP, 1986.

NUNES, Benedito. **O tempo na narrativa**. São Paulo, Ática, 1988.